



ESCRITA DE SÍ E HISTÓRIA DA LOUCURA: NOTAS SOBRE A FORMAÇÃO INTELECTUAL DE LIMA BARRETO (1881-1922)

Joachin de Melo Azevedo Neto

Universidade de Pernambuco – UPE/Campus Petrolina. joachin.azevedo@upe.br

Resumo: O "Diário de Hospício" de Lima Barreto é um desdobramento de seu "Diário Íntimo". A partir das experiências dolorosas que vivenciou ao ser internado pela segunda vez no Hospital Nacional de Alienados, de 25 de dezembro de 1919 até 2 de fevereiro de 1920, o escritor trabalhou também no romance "O cemitério dos vivos", cujas memórias da estadia do autor nessa instituição psiquiátrica se entrelaçam com o enredo fictício sobre a vida de Vicente Mascarenhas. Essa última e inacabada trama barretiana também tem a temática da loucura como epicentro da narrativa. Afonso conseguiu esmerar ainda mais o gênero autobiográfico, no entanto faleceu antes de finalizar essa obra. Ao dar continuidade ao ofício de escritor, mesmo nas instalações do Hospital Nacional de Alienados, Afonso Henriques se colocou na condição de louco e transformou sua solidão intelectual em uma ferramenta de compreensão e comunhão com os delírios dos outros internos que o cercavam. De fato, Afonso Henriques pode ter sido um pouco de tudo, menos um indivíduo ensandecido. Após sofrer os graves delírios estimulados pelo uso intenso do álcool, o autor apresentava plena consciência da sua lastimável situação. Desse modo, a chamada literatura da urgência desse literato será usada aqui enquanto fonte na qual é possível também acompanhar o seu contínuo processo de maturação intelectual.

Palavras-chave: História intelectual, História da loucura, Lima Barreto (1881-1922)

O *Diário de Hospício* de Lima Barreto é um desdobramento de seu *Diário Íntimo*. A partir das experiências dolorosas que vivenciou ao ser internado pela segunda vez no Hospital Nacional de Alienados, de 25 de dezembro de 1919 até 2 de fevereiro de 1920, o escritor trabalhou também no romance *O cemitério dos vivos*, cujas memórias da estadia do autor nessa instituição psiquiátrica se entrelaçam com o enredo fictício sobre a vida de Vicente Mascarenhas. Essa última e inacabada trama barretiana também tem a temática da loucura como epicentro da narrativa. Afonso conseguiu esmerar ainda mais o gênero autobiográfico, no entanto faleceu antes de finalizar essa obra.

A abordagem desses documentos construídos a partir de situações muito penosas já foi realizada pela ótica da literatura comparada por Luciana Hidalgo e da história cultural por Nádia Maria Weber dos Santos. É importante destacar que ambas as pesquisadoras foram bastante influenciadas pela pioneira e extensa reflexão feita pelo filósofo francês Michel Foucault, em *História da loucura*, sobre toda a conjuntura de discursos que institucionalizou, em um primeiro momento, a retirada dos loucos do convívio social e legitimou a internação das pessoas assim diagnosticadas em clínicas cujos modelos de funcionamento foram bastante inspirados nas prisões (Cf. FOUCAULT, 2012).

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



Se uma incursão mais detalhada pelo pensamento de Foucault é impossível aqui a essa altura, devido aos caminhos metodológicos, escolhas teóricas e, certamente, limitações em termos de domínio da fortuna crítica deixada por esse autor, resta apenas registrar o apelo para que o próprio leitor tire suas conclusões sobre essa citada obra.

Em *Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura*, Hidalgo inseriu os textos do *Diário de Hospício* no turbulento contexto que abarca a consolidação da psiquiatria no Brasil. Com muita acuidade, a autora constrói o conceito de “literatura da urgência” para compreender os textos barretianos feitos em situações emergenciais. Ao dar continuidade ao ofício de escritor, mesmo nas instalações do Hospital Nacional de Alienados, Afonso Henriques se colocou na condição de louco e transformou sua solidão intelectual em uma ferramenta de compreensão e comunhão com os delírios dos outros internos que o cercavam (Cf. HIDALGO, 2008).

Na tese de doutorado *Histórias de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos (1905/1920/1937)*, Nádia Weber propôs um estudo sobre a história da psiquiatria brasileira a partir do ponto de vista de três diferentes internos que se dedicaram ao gênero autobiográfico: os modernistas Rocha Pombo, Lima Barreto e um anônimo paciente do Hospital Psiquiátrico São Pedro de Porto Alegre cujas epístolas coligidas pela autora foram assinadas sempre com as iniciais de *TR*. Sobre essa segunda internação forçada de Afonso, a autora de *Histórias de sensibilidades* postula o seguinte:

Ter sido encontrado vagueando na rua, no dia de Natal, e levado pela polícia e pela família ao Hospício, tornou-se para ele uma experiência definitiva. Sua vida foi num crescendo de excessos, e por mais que Lima tentasse dominar seus impulsos destrutivos com a bebida, não o conseguia. E o esforço que fez para continuar escrevendo, foi, provavelmente, o que o manteve vivo por mais tempo.

(...)

Começa a escrever seu *Diário de Hospício* dez dias após o “sequestro”, como ele mesmo chamou sua internação. Este livro de memórias tornou-se um dos mais fortes e belos documentos da cidadania dos mais excluídos dos cidadãos: o louco. Ele poderia ser rotulado, se assim o quiséssemos, de obra ápice daquilo que ele desenvolve em seus escritos, que é uma “sensibilidade da exclusão”. Pelos motivos que já foram examinados (...), aqueles que mereceriam tratamento médico foram confinados em Hospícios, segregados da sociedade e alienados de seus direitos. E LB soube, também, disto tratar. (SANTOS, 2005, p. 221-22)

De fato, Afonso Henriques pode ter sido um pouco de tudo, menos um indivíduo ensandecido. Após sofrer os graves delírios estimulados pelo uso intenso do álcool, o autor

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



apresentava plena consciência da sua lastimável situação. Desse modo, a chamada literatura da urgência desse literato será usada aqui enquanto fontes nas quais é possível também acompanhar o seu contínuo processo de maturação intelectual. Em 4 de janeiro de 1920, no *Diário do Hospício*, é o próprio Lima Barreto quem relata seus infortúnios pessoais:

Estou no hospício ou, melhor, em várias dependências dele, desde o dia 25 do mês passado. Estive no pavilhão de observações, que é a pior etapa de quem, como eu, entra aqui pelas mãos da polícia.

(...)

Não me incomodo com o hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho certeza que não louco; mas devido ao álcool, misturado com toda a espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material, há anos, me assoberbam, de vez em quando dou sinais de loucura: delírio. (BARRETO, OCV, 1956, p. 33-4)

Em *Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura*, um dos organizadores dessa compilação de ensaios, o historiador Clóvis Gruner – ao prefaciar a obra – esclarece que “o desafio proposto pela articulação entre história, literatura e leitura, (...) permite uma liberdade de escolhas e de interpretações que só faz enriquecer a pesquisa e a escrita da história” (GRUNER, In: DENIPOTI, 2008, p. 13). Além de realizar pertinentes considerações teóricas acerca da proposta geral desse livro, Gruner assinou também um interessante texto intitulado “O espetáculo do horror: memória da loucura, testemunhos da clausura em *Diário do Hospício* e *O cemitério dos vivos*”. De acordo com esse autor, os escritos “Como o homem chegou”, “O feiticeiro e o deputado” e *Policarpo Quaresma* são textos de Lima Barreto nos quais se podem encontrar denúncias contra os preconceitos oficiais em face da loucura.

Ao elaborar um diálogo entre as obras *Diário do Hospício* e *O cemitério dos vivos*, Gruner chama a atenção para o que considera um dos depoimentos mais alarmantes e tocantes na literatura nacional sobre as arbitrariedades das autoridades policiais e médicas cometidas contra aqueles que são considerados como anormais pelos discursos oficiais. A revolta de Lima Barreto contra o gesto da polícia que o transporta em direção ao hospício em um carro blindado destinado a conduzir criminosos, sob as vistas de sua vizinhança e em relação à violência perpetrada contra seu corpo pelos médicos e funcionários do Hospital Nacional de Alienados é constante nesses textos. Conforme sugere Gruner:

É para suplantar esta interdição e fazer ele mesmo um inventário de sua loucura e da experiência traumática da internação, que Lima Barreto redige o *Diário de Hospício*. E dele faz a matéria prima para a (re)criação,

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



em um outro universo ficcional, daquele mesmo inventário, como se a escrita literária fosse a condição necessária para explorar mais intensamente aquela experiência traumática e dela tecer seu testemunho. (GRUNER, In: Idem, p. 108)

O autor elabora uma discussão sobre o processo que institucionalizou a psiquiatria nacional a partir do século XIX. Tanto na Europa, como no Brasil, o louco passa a ser concebido como um doente e a loucura uma patologia, portanto, passível de ser clinicada. O hospício, gradualmente, deixa de ser apenas um lugar destinado para o isolamento ou aprisionamento de loucos. Aos poucos, esses lugares passam a serem reservados para práticas, diagnósticos, saberes e intervenções médicas que alicerçam a psiquiatria como uma ciência moderna. Isso significa pensar nos hospícios enquanto *locus* privilegiado para o confronto entre a loucura e o saber médico, que vitorioso e dominante, “cala o discurso do louco e, sobre este silêncio, produz um *discurso sobre*” (Idem, p. 109).

A experiência insólita advinda da internação no Hospital Nacional de Alienados é narrada com riqueza de detalhes. Em diversos trechos, as preferências literárias de Lima Barreto são evocadas também nos textos feitos no hospício de modo que continuam a embasar profundas indagações sobre o labor artístico. Principalmente, nesse sombrio relato sobre o banho coletivo tomado pelos internos do hospício:

Todos nós estávamos nus, as portas abertas, e eu tive muito pudor. Eu me lembrei do banho de vapor de Dostoiévski, na *Casa dos Mortos*. Quando baldeei, chorei; mas lembrei de Cervantes, do próprio Dostoiévski, que pior deviam ter sofrido em Argel e na Sibéria.
Ah! A Literatura ou me mata ou me dá o que eu peço dela. (BARRETO, op. cit., p. 34-5)

A ironia, mais uma vez, foi usada pelo escritor para criticar os ditames de toda a clínica que lhe foi contemporânea. Após a triagem, ao ser examinado pelo médico Henrique Roxo, conhecido há cerca de quatro anos antes pelo autor, Afonso também busca esboçar um diagnóstico sobre o perfil desse doutor. De acordo com o literato, Henrique Roxo lhe parecia “desses médicos brasileiros imbuídos de um ar de certeza de sua arte, desdenhando inteiramente toda a outra atividade intelectual que não a sua e pouco capaz de examinar o fato por si. Acho-o muito livresco e pouco interessado em descobrir, em levantar um pouco o véu do mistério – que mistério – que há na especialidade que professa” (Idem, p. 35). O ápice do distanciamento existente nesse encontro entre dois atores sociais tão distintos pode ser percebido ainda na ferina resposta articulada por Lima



Barreto ao ser indagado sobre os motivos que o arrastaram até aquela situação: “disse-lhe que tinha sido posto ali por meu irmão, que tinha fé na onipotência da ciência e a credence do hospício. Creio que ele não gostou” (Idem, *ibid.*).

O historiador Jurandir Freire da Costa esclarece que a psiquiatria brasileira, nesse período, persistiu em afirma-se miticamente enquanto uma ciência. Os postulados da neutralidade científica e as rotinas destinadas para exames e tratamento dos asilados no Hospital Nacional de Alienados auxiliavam a encobrir o fato de que esses médicos “eram indivíduos pertencentes a determinada classe social, com opiniões e valores próprios a determinado período histórico” (COSTA, 1980, p. 15). Identificando-se cada vez mais com as diretrizes da eugenia racial e das práticas higienistas impostas pelas elites nacionais que almejavam, ansiosamente, o branqueamento da sociedade brasileira, a Liga Brasileira de Higiene Mental é fundada e estabelece seu próprio Programa em 1923: pouco tempo depois da última internação de Lima Barreto. Inspirados pelas políticas de controle social em voga na Europa, os psiquiatras brasileiros organizaram uma rede, em nível nacional, legitimadora de um sistema médico-policial. Tal iniciativa estava voltada para consolidar esse projeto arbitrário, esboçado desde fins do século XIX, que visou instituir uma sociedade mentalmente e moralmente higienizada.

As preocupações com os pacientes que faziam uso excessivo do álcool eram constantes entre a alta cúpula da Liga Brasileira de Higiene Mental,

O alcoolismo, embora fosse um problema efetivamente grave na época, estava longe de ser o flagelo em que os psiquiatras queriam transformá-lo. As medidas repressivas pedidas para o combate do alcoolismo revelavam não a importância do problema, mas a crença que eles tinham na possibilidade de intervir eugenicamente no nível da sociedade. (Idem, p. 39)

No caso de Lima Barreto, o escritor buscou deixar para a posteridade a sua versão sobre as razões que o levaram a fazer uso de forma exagerada das bebidas. As dívidas acumuladas, as inconveniências domésticas causadas pelos surtos de João Henriques, a ojeriza pelo trabalho na Secretaria de Guerra e, principalmente, o silenciamento em torno dos seus romances por parte dos beletistas são elencados como os principais motivos que o conduziram para a embriaguez inveterada e a vivenciar um cotidiano repleto de situações vexatórias e perigosas. Outra consequência desse comportamento autodestrutivo resvalou ainda mais na sua própria aparência; cada vez mais desleixada.



Vale destacar aqui, inclusive, um episódio narrado por Eloy Pontes ao prefaciar uma das edições póstumas de *Isaiás Caminha*. Mesmo visivelmente bêbado, Lima corrigiu os equívocos cometidos por outro colega de conversas literárias e foi repreendido pelo mesmo devido ao estado ébrio em que ali se encontrava. Do carioca Afonso, esse interlocutor escutou a seguinte resposta: “o que estraga o Brasil não é a cachaça, não. É a burrice, meu caro” (BARRETO apud PONTES, In: ANTONIO, op. cit., p. 22).

No *Diário de Hospício*, as instalações do manicômio foram até elogiadas pelo próprio Lima. O autor salienta que o casarão estava “bem construído e, pelo tempo em que o edificaram, com bem acentuados cuidados higiênicos” (BARRETO, op. cit., p. 38). Dois lenitivos parecem ter ajudado o escritor a suportar as rotinas que lhe foram impostas nessa instituição psiquiátrica. Um deles era contemplar a paisagem exuberante composta pela “enseada de Botafogo”, observada por Lima “através das grades do manicômio” (Idem, *ibid.*). O outro era passar o máximo de tempo possível na biblioteca mantida nesse lugar. Desde a primeira internação, em 1914, para se refugiar do contato com os enfermeiros e outros internos em situações mais lastimáveis, Afonso Henriques recorreu a esse ambiente de leituras.

Um trecho desse citado diário sugere que o escritor passava mesmo todo o tempo disponível a frequentar a biblioteca da instituição ao ponto de memorizar alguns títulos que haviam sido extraviados do acervo entre a primeira e a segunda internação:

Logo ao entrar na seção, no meado do dia da segunda-feira, notei que a biblioteca tinha mudado de lugar. Mudei a roupa, pois meu irmão me apareceu com outra de casa. Esperei o Dias, que me marcasse o dormitório, e sentei-me na biblioteca e estava completamente desfalcada! Não havia mais o Vapereau, *Dicionário das Literaturas*; dois romances de Dostoiévski, creio que *Les Possédés*, *Les Humiliés et Offensés*; um livro de Melo Morais, *Festas e Tradições Populares do Brasil*. O estudo sobre Colbert estava desfalcado do primeiro volume; a *História de Portugal*, de Rebêlo da Silva também, e assim por diante. Havia, porém, em duplicado, a famosa *Biblioteca Internacional de Obras Célebres*. (Idem, p. 43-4)

Além disso, esse hospício estava repleto de “sujeitos que tinham recebido certa instrução; há até os formados”. O escritor carioca sustenta ainda que não possuiu “nenhuma espécie de superstição pelos nossos títulos escolares ou universitários; eles dão algumas vezes algum saber profissional, muito restrito e ronceiro, e nunca uma verdadeira cultura”. As conversas com Augusto de Lima, um desses internos letrados, são registradas enquanto paliativos para a “solidão intelectual” de Lima,



vivenciada em um “meio delirante” (Idem, p. 57). Entretanto, conforme afirmou o próprio autor, “estava escrito que eu não poderia, no meio de cento e tantos insanos, encontrar um com quem trocasse uma palavra”, apesar de que “há muitas formas de loucura e algumas permitem aos doentes momentos de verdadeira e completa lucidez”. Registrou ainda Afonso Henriques que “dá-se o mesmo com a instrução, a educação. A loucura dá intervalos” (Idem, p. 58-9).

Em *O cemitério dos vivos*, a personagem Vicente Mascarenhas pode também auxiliar na montagem desse mosaico que intercala imagens da internação e da formação intelectual de Lima Barreto. É interessante perceber por meio da fala do narrador que, apesar das situações extremas e toda a carga dramática que esse episódio conserva, a estadia forçada no hospício foi considerada uma experiência artística decisiva por Afonso Henriques:

Em tal estado de espírito, penetrado de um profundo niilismo intelectual, foi que penetrei no hospício, (...) e o grosso espetáculo doloroso da loucura mais arraigou no espírito essa concepção de um mundo brumoso, quase mergulhado nas trevas, sendo unicamente perceptível o sofrimento, a dor, a miséria, e a tristeza a envolver tudo, tristeza que nada pode espancar ou reduzir. Entretanto, pareceu-me que a vida assim era vê-la bela, pois acreditei que só a tristeza, só o sofrimento, só a dor fazia com que nós nos comunicássemos com o Logos, com a Origem das Cousas e de lá trouxéssemos alguma cousa transparente e divina. (Idem, p. 163)

Interrogar essa noção de niilismo intelectual vivenciada por Lima pode ser uma empreitada ainda bastante fértil em termos de história do pensamento. No entanto, sigo com a análise do testemunho sobre o cotidiano do autor no Hospício. Possivelmente, a já citada anotação do *Diário de Hospício* serviu como referencial para uma descrição mais detalhada sobre a biblioteca do Hospital Nacional de Alienados que consta no romance *O cemitério dos vivos*. No trecho abaixo, Vicente Mascarenhas faz sua descrição desse ambiente de estudos que existiu na mencionada instituição psiquiátrica:

A biblioteca era a dependência da seção de que mais me recordava. Quando estive lá pela primeira vez, enchia o tempo lá, lendo. Havia um razoável número de livros, mas, além dos muitos dilacerados, havia obras desfalcadas nos seus volumes. Logo ao entrar, depois de mudar de roupa, tratei de me instalar nela. Tinha mudado de local; era agora na entrada, quando antigamente era no fundo. Fui vê-la. Estava pobríssima, não havia mais o Vapereau, dicionário de literatura, tão interessante; não havia mais uns volumes de Dostoiévski, nenhum deles escapara; os segundos românticos nacionais tinham desaparecido; e, dos primeiros, só restava um volume de Gonçalves Dias.



Mesmo da vez passada, a biblioteca do hospício não era um modelo de lógica, não a tinha presidido nenhum espírito, tinha de tudo, mas como a massa dos volumes era de literatura de ficção, não se observava bem o absurdo de certas associações de obras. (Idem, p. 199)

Ao reunir em um volume único o *Diário de Hospício e O cemitério dos vivos*, Francisco de Assis Barbosa também anexou, generosamente, cópias de três laudos médicos com diagnósticos sobre a saúde do escritor carioca. No *Livro de Observações Clínicas*, do Instituto de Psiquiatria da Universidade do Brasil, encontra-se um parecer, datado de 22 de agosto de 1914, registrado pelo médico que atendeu o escritor. Nesse documento, o leitor pode ter uma noção melhor sobre a visão do psiquiatra M. Pinheiro acerca do estado da saúde mental daquele interno pouco convencional que ali estava:

Nega alucinações auditivas, confirmando as alucinações visuais. Associação de idéias [sic] e de imagens perfeitas, assim como perfeitas são a percepção e atenção. Cita seus autores prediletos que são: Bossuet, Chateaubriand, ‘católico elegante’, Balzac, Taine, Daudet; diz que conhece um pouco de francês e inglês. Com relação a esses escritores faz comentários mais ou menos acertados; em suma, é um indivíduo que tem algum conhecimento e inteligente para o meio em que vive.

(...)

Julga que o Tenente Serra Pulquério teme a sua fama, “ferina e virulenta”, pois, apesar de não ser grande escritor, nem ótimo pensador, adota as doutrinas anarquistas e quando escreve deixa transparecer debaixo de linguagem enérgica e virulenta os seus ideias. Apresenta-se relativamente calmo, exaltando-se, contudo, quando narra os motivos que justificaram a sua internação. Tem duas obras publicadas: *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Memórias do escrivão Isaías Caminha*. (LIVRO DE OBSERVAÇÕES CLÍNICAS, In: Idem, p. 262-63)

Esse olhar clínico pode ser complementado pelo laudo datado de 26 de dezembro de 1919, assinado por um médico com as iniciais de J. A. Na verdade, interessa perceber nessas narrativas a presença de uma forma parecida de curiosidade gerada a partir da constatação da boa instrução ostentada por Lima Barreto em detrimento de seu estado físico bastante debilitado. Segundo esse outro médico,

Este doente foi internado quando o alienista que dirige a Seção Calmeil que escreve estas linhas se achava em gozo de licença. Não o vi, portanto. Estou porém informado de que no Pavilhão de Observações, onde permaneceu cerca de um mês, teve o diagnóstico de alcoolismo.

(...)

O observado Afonso Henriques goza nos meios literários de *reputação de escritor talentoso e forte*, cheio de mordacidade. Aliás alguns de seus trabalhos evidenciam esses méritos de escritor. Parece que

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



nas palestras de café é o observado muito querido por seus ditos chistosos e picantes. (LIVRO DE OBSERVAÇÕES, In: Idem, p. 267-68)

Paciente intrigante esse Lima Barreto que parece, apesar de todas as adversidades que envolveram essas internações, ter despertado admiração de alguns dos médicos que transitavam pelo casarão da Praia Vermelha. Dando continuidade à análise do *Diário de Hospício*, o tema da leitura, mais uma vez, é evocado em outros trechos desses escritos com a função de afirmar o lugar de homem de letras ocupado por Afonso Henriques, lhe distanciando, inclusive, de outros pacientes acusados de crimes ou daqueles completamente ensandecidos. Na ocasião, o escritor fez questão de enfatizar em suas anotações: “sou instruído, sou educado, sou honesto, tenho procurado o mais possível ter uma vida pura” (BARRETO, In: Idem, p. 67). Esse exercício de reflexão culmina em uma das passagens mais desencantadas dessa obra: “desde a minha entrada na Escola Politécnica que venho caindo de sonho em sonho e, agora que estou com quase quarenta anos, embora a glória tenha me dado beijos furtivos, eu sinto que a vida não tem mais sabor para mim” (Idem, *ibid.*). No entanto, mais do que a própria morte, Lima clamou, nesse momento, por outro recomeço. Talvez uma trajetória bem mais “plácida, serena, medíocre e pacífica, como a de todos” (Idem, *ibid.*).

Existem outras possibilidades de abordagem dos escritos feitos ou recebidos por Lima Barreto enquanto esteve internado. A escolha que optei aqui foi a de cotejar essa literatura da urgência com outras fontes e até mesmo com os discursos dos psiquiatras que pretenderam “tratar” os males que tanto incomodaram e contribuíram para o abreviamento da vida do carioca Afonso. O *Diário de Hospício*, o romance *O cemitério dos vivos*, as cartas trocadas pelo autor, os laudos médicos que teimam em ressaltar a sua boa instrução do autor e suas profundas reflexões sobre a condição dos loucos sugerem que, sem dúvidas, Lima buscou transformar também o Hospital Nacional de Alienados – um lugar destinado pelas elites científicas da época para controle e higienização social, entretanto traumatizante – em um local de aprendizado.

REFERÊNCIAS:

ANTÔNIO, João (Org.). *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BARRETO, Lima. *O cemitério dos vivos & Diário de Hospício*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

COSTA, Jurandir Freire da. *História da psiquiatria no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



COPRECIS
CONGRESSO NACIONAL DE
PRÁTICAS EDUCATIVAS

HIDALGO, Luciana. *Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura*. São Paulo: Annablume, 2008.

FOUCAULT, Michel. *História da loucura*. 9ª ed. Tradução de José Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2012.

GRUNER, Clóvis & DENIPOTI, Cláudio (Orgs.). *Nas tramas da ficção: história, literatura e leitura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

SANTOS, Nádía Maria Weber dos. *História de sensibilidades: espaços e narrativas da loucura em três tempos (1905/1920/1937)*. Tese (Doutorado em História Cultural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br